

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CETREDE – CENTRO DE TREINAMENTO E DESENVOLVIMENTO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

**PROCESSOS QUE ENVOLVEM A AQUISIÇÃO DA ESCRITA E
LEITURA**

ROSÂNGELA MARIA AZEVEDO TEIXEIRA CALDAS

FORTALEZA – 2007

PROCESSOS QUE ENVOLVEM A AQUISIÇÃO DA ESCRITA E LEITURA

ROSÂNGELA MARIA AZEVEDO TEIXEIRA CALDAS

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia para obtenção do título de Especialista pela Universidade Federal do Ceará.

FORTALEZA – 2007

Esta monografia foi submetida à Coordenação do Curso de Especialização em Psicopedagogia, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Especialista outorgado pela Universidade Federal do Ceará – UFC e encontra-se à disposição dos interessados na Biblioteca da referida Universidade.

A citação de qualquer trecho desta monografia é permitida, desde que feita de acordo com as normas de ética científica.

Rosângela Maria Azevedo Teixeira Caldas

Aprovada em: ___/___/___

Prof. Gláucia Maria de Menezes Ferreira, L.D

Orientadora

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de amor e de misericórdia, por todos os dons que me concebeu e por mais uma oportunidade de crescimento pessoal em busca de meus objetivos profissionais.

Aos meus familiares que diretamente ou indiretamente acreditam na minha capacidade.

A Mestra Gláucia Maria de Menezes, que me orientou em cada ponto do trabalho, com paciência, dedicação e disponibilidade em atender todas as minhas dúvidas, e que muito contribuiu para o engrandecimento desse estudo.

A todos os professores do Curso de Especialização em Psicopedagogia, pelas sábias reflexões que contribuíram para o meu crescimento espiritual e intelectual no decorrer dessa caminhada acadêmica, mostrando também o caminho da cultura e da sabedoria.

Aos meus colegas do Curso, pela boa companhia que tornava as longas aulas mais agradáveis.

A todos que direta ou indiretamente me ajudaram a tornar mais um sonho em realidade.

RESUMO

Este trabalho monográfico tem por objetivo destacar a importância dos processos que compõem o processo de aprendizagem principalmente no tocante à aquisição da leitura e escrita. São citados aspectos importantes relacionados ao desenvolvimento da aprendizagem, tais como: a importância do cérebro; as relações entre o desenvolvimento cognitivo e a aquisição de leitura e escrita; fatores que influenciam esse processo tão rico e ao mesmo tempo tão complexo. Aborda também assuntos relacionados à evolução da escrita, ao desenvolvimento da linguagem e as metodologias de ensino mais adequadas ao desenvolvimento da aquisição de leitura e escrita. O último capítulo dá ênfase aos diferentes tipos de transtorno que causam impacto negativo na aprendizagem, principalmente, nos processos da escrita e da leitura, aborda a importância da psicopedagogia nos processos de prevenção e intervenção que, tem por objetivo, sanar ou minimizar as dificuldades de aprendizagem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1. PROCESSO DE APREDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA.....	10
1.1 Cérebro e aprendizagem da leitura e escrita.....	10
1.2 Relação entre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem de leitura e escrita.....	12
1.3 Fatores ambientais na formação da leitura e escrita (presença dos pais, materiais de leitura etc.).....	13
2. DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM.....	16
2.1 A linguagem e a comunicação.....	16
2.2 Início e evolução da linguagem.....	17
2.3 Formas de representação da escrita (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética, alfabética).....	18
3. MÉTODOS DE ENSINO DE LEITURA E ESCRITA E PROBLEMAS RELACIONADOS.....	21
3.1 Problemas relacionados à escrita.....	23
4. TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.....	26
4.1 Intervenção psicopedagógica.....	29
4.1.1 Intervenção nas dificuldades de aprendizagem da leitura.....	30
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	35

INTRODUÇÃO

As questões que envolvem a escrita e a leitura estão relacionadas à concepção que se tem sobre o que é a linguagem, o que é ensinar e aprender. Essas concepções perspassam pelos objetivos que são atribuídos à escola.

Sabe-se que a escola tem a função de propiciar aos alunos caminhos para que eles aprendam da forma consistente e consciente, além de possibilitar que os alunos atuem criticamente em seu espaço social.

Como a linguagem, tem como objetivo principal a comunicação, ela é construída socialmente e transmitida culturalmente.

Wallon apud Galvão (2002, p. 77) concebe a linguagem como: “um instrumento e suporte indispensáveis aos progressos de pensamento. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo que age como estruturadora do mesmo”.

A linguagem oral possui impacto surpreendente no desenvolvimento do cérebro e na própria aprendizagem de criança. É importante lembrar que o desenvolvimento do indivíduo ocorre de forma diferenciada e individual (lenta ou gradual). Essa diferença tem a ver com o maior ou o menor grau de interesse e estimulação.

No desenvolvimento holístico da criança, a estimulação e a manipulação de objetos são essenciais para facilitar a aprendizagem que servirá de base para sua maturidade e posterior aquisição da escrita e da leitura.

O desenvolvimento da aprendizagem da escrita e da leitura não é tarefa simples, já que requer um processo completo de construção em que suas idéias e reflexões nem sempre coincidem com a dos adultos.

A escrita ultrapassa sua estruturação e a relação entre o que se escreve e como se escreve.

Durante a aprendizagem da escrita, a criança passa por vários estágios até alcançar a hipótese alfabética na qual é possível fazer uma análise sonora das palavras que vão ser escritas.

Sobre o nível que abrange a hipótese alfabética, Ferreiro e Teberosky, (1999, p. 274) diz o seguinte: “ao chegar a este nível, a criança já franqueou a ‘barreira do código’; compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas”.

Nessa fase é necessário que a criança esteja em contato com vários materiais escritos para que possa perceber a diferença no padrão da escrita e compará-lo com sua maneira de escrever.

Com relação à leitura, esta ultrapassa a simples decodificação e pode-se dizer que é um processo de (re) atribuição de sentidos.

A leitura desenvolve-se de forma gradual e é um hábito a ser adquirido. Desse modo é importante ressaltar a participação da escola como contexto para esta aquisição.

Neste documento monográfico serão, portanto avaliados a evolução da leitura e escrita dentro do contexto escolar. Serão focalizados o processo de aquisição, a participação da escola nas perspectivas de prevenção e intervenção psicopedagógica para minimizar possíveis dificuldades de aprendizagem.

CAPÍTULO I

PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA

O processo de construção cerebral é altamente complexo e influenciado por fatores internos e externos. Uma das características principais do cérebro é a plasticidade. Kolb e Whishaw (2002, p. 259) dizem que: “A plasticidade se refere às alterações vitalícias na estrutura do cérebro que acompanham a experiência (...) o cérebro é maleável, como o plástico, e pode se moldado em diferentes formas”.

Nota-se que a plasticidade cerebral não depende somente de respostas do organismo face ao ambiente, mas também decorrentes de eventos internos, ou seja, ação de hormônios, genes ou lesões cerebrais.

1.1 Cérebro e aprendizagem da leitura e escrita

O cérebro é uma unidade altamente complexa e com a capacidade de controlar vários comportamentos e habilidades. O desenvolvimento do cérebro é algo extraordinário e interligado a vários fatores entre eles: os hormônios, os genes e os neurônios que através de vários estágios vão adquirindo funções específicas contribuindo dessa maneira para o desenvolvimento saudável do indivíduo. O desenvolvimento do cérebro é um processo contínuo e necessário para o funcionamento e evolução do ser humano.

As mudanças que ocorrem no cérebro contribuem para uma melhor adaptação do indivíduo ao ambiente e através de estímulos e experiência o cérebro se desenvolve com maior facilidade.

É importante ressaltar que as experiências intra-uterinas e estímulos ambientais, após o desenvolvimento da criança influenciam sobremaneira no desenvolvimento cerebral. À medida que o cérebro se desenvolve, os neurônios se interligam formando uma rede de conexões que facilitam no surgimento de novas habilidades (visuais, táteis, cognitivas e lingüísticas), onde cada uma se desenvolve gradualmente e individualmente, porém, em consonância com os demais, formando um todo sistêmico.

Para que ocorra a aquisição da leitura e escrita, a criança necessita desenvolver em primeiro plano, a linguagem e, segundo plano, compreensão e interpretação das nuances e variações ambientais. Com o auxílio de estímulos externos torna-se fácil o amadurecimento das funções neurais relacionadas à linguagem, facilitando, em contrapartida, o desenvolvimento das habilidades necessárias à aquisição da leitura e escrita, que passam também por etapas de evolução. A respeito do desenvolvimento da linguagem, Kolb e Whishaw (2002, p. 238) dizem que: “À medida que a linguagem se desenvolve nas crianças novas, espera-se encontrar alterações correspondentes nas estruturas neurais que controlam a linguagem. E, de fato, isso é o que encontramos. As crianças não falam ao nascer e mesmo um longo treinamento fonológico não permitiria que o fizessem. As estruturas neurais que controlam a fala não ainda estão suficientemente maduras. À medida que a linguagem se desenvolve, podemos concluir que as estruturas cerebrais relacionadas à fala estão passando pela maturação necessária”.

Em resumo, podemos dizer que é necessário que haja maturação e desenvolvimento de neurônios responsáveis pela linguagem para, a partir daí, ocorrer o processo de aquisição da escrita e leitura.

As zonas neurais responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem estão no córtex e sobre isso Kolb e Whishaw (2002, p. 255) dizem o seguinte: “Como o início da linguagem ocorre normalmente entre 1 e 2 anos de idade e a aquisição da linguagem está praticamente completa aos 12 anos, a melhor estratégia é considerar as diferenças no córtex antes e depois dos marcos dessas duas idades. Aos 2 anos de idade, a divisão e a migração celular se completaram nas zonas da linguagem do córtex cerebral. As principais alterações que ocorrem entre 2 e 12 anos são as interconexões de neurônios e a mielinização das zonas da fala”.

1.2 Relação entre desenvolvimento cognitivo e aprendizagem de leitura e escrita.

Através do desenvolvimento cognitivo torna-se fácil ao ser humano o desenvolvimento das habilidades e competências que atuam na evolução dos níveis que compõem a escrita e a leitura.

Segundo Frith apud Capovilla e Capovilla (2000, p. 53), a criança passa por três estágios na aquisição de leitura e escrita: o logográfico, o alfabético e o ortográfico.

1) O logográfico em que trata a palavra escrita como se fosse uma representação pictoideográfica. Esta etapa se traduz no reconhecimento das palavras.

2) O alfabético dá capacidade à criança a fazer decodificação grafofonêmica. Pode-se dizer que esse estágio implica na análise das palavras (fonemas e letras). Com o

desenvolvimento desse estágio, a criança passa a ter a capacidade de ler de forma correta.

3) O ortográfico onde a criança aprende a fazer leitura visual direta de palavras de alta frequência. Esse estágio é também conhecido como estágio lexical.

É conveniente ressaltar que, embora a criança alcance o 3º e último estágio, isso não significa que ela passe a abandonar os anteriores e sobre essa questão Capovilla e Capovilla (2002, p. 55) dizem o seguinte: “Em verdade as três estratégias de leitura ficam disponíveis o tempo todo a criança sendo que ela aprende a fazer uso da estratégia que se revela mais eficaz para um outro tipo de material de leitura e escrita”.

É importante lembrar que as primeiras tentativas de escrita efetuada pela criança são valorizadas, pois a partir delas tem-se o início das três fases abordadas por Frith.

1.3 Fatores ambientais na formação da leitura e escrita (presença dos pais, materiais de leitura etc.).

Vários fatores influenciam de maneira negativa e positiva na formação da aquisição da escrita e leitura pela criança. O ambiente, a escola e a família contribuem sobremaneira para o desenvolvimento ou atraso do processo de leitura e escrita.

Existem ambientes ricos e estimulantes que ajudam no desenvolvimento da escrita e leitura, assim como existem ambientes limitados que impedem o avanço desse processo. A esse respeito Bee (2003, p. 277) ressaltava o seguinte: “O fato de agora termos evidências do mesmo tipo de efeito em duas culturas diferentes, ou seja, com duas linguagens diferentes tanto com professoras como com pais, com crianças pobres e crianças de classe média, e

com crianças que apresentam atraso na linguagem, reforça bastante o argumento de que uma linguagem interativa mais rica entre o adulto e a criança é o ingrediente importante para melhorar o desenvolvimento da linguagem”.

No âmbito familiar, sabe-se que o ambiente rico em estímulos, facilita bastante o desenvolvimento cognitivo da criança. Os pais devem fomentar na criança o prazer de ler e escrever. É importante que o ambiente familiar possua elementos que contribuam para o crescimento cognitivo da criança. Por exemplo: livros paradidáticos, revistas, jogos educativos que despertem o interesse da criança. Esse incentivo que deve ser dado à criança a partir dos primeiros anos de vida. É interessante que os pais façam uma mesclagem do lúdico (jogos e brinquedos) com revistas e livros infantis.

Já no ambiente escolar este estímulo deve ser contínuo e inovador. A escola deve estar atenta a vários aspectos que facilitem e desenvolvam a aquisição da escrita e leitura. Os aspectos são os seguintes:

- Quanto à estrutura: a escola deve ser espaçosa, arejada possuir um ambiente acolhedor e propício à leitura. Exemplo: biblioteca ou cantinho de leitura.
- Aspectos metodológicos: currículos e propostas pedagógicas. Quanto a currículo esse deve ser contextualizado levando em consideração um ambiente em que o aluno esteja inserido. Deve ser inovador e significativo.
- Quanto à metodologia: os conteúdos pedagógicos devem abordar temas transversais e interdisciplinares.

- Quanto à atuação pedagógica: o educador deve ser consciente da sua missão que é desenvolver as potencialidades e habilidades da criança, seja no nível emocional, social e cognitivo.

No nível cognitivo devem desenvolver, inicialmente, a linguagem e processos correlatos como a aquisição escrita e leitura. Segundo Grosso e Bellotti (1971, p. 22): “O professor precisa conhecer o processo normal de evolução da linguagem para identificar, com segurança, o estágio em que a criança se encontra e partindo daí, orientá-la adequadamente”.

Dessa forma, vemos que o educador deve ter muita percepção e conhecimento, pois, somente assim, sua atuação será significativa e o aluno terá uma educação completa e global.

CAPÍTULO II

DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM

2.1 A linguagem e a comunicação.

A necessidade do ser humano em se comunicar com seu semelhante vem desde os tempos dos primórdios incluindo a escrita. Basta lembrar que no período da pré-história as mensagens eram gravadas nas cavernas.

O que diferencia fundamentalmente o ser humano dos outros seres da natureza é a capacidade de criar cultura e o desenvolvimento da linguagem. O homem desenvolveu várias etapas da linguagem. Podemos citar: a linguagem corporal, a linguagem oral ou psicolinguística e a linguagem formal.

Linguagem corporal é aquela onde o corpo é utilizado como forma de expressão. Exemplo: mímicas, dança e dramatização.

Linguagem oral é aquela utilizada através dos signos verbais. É a linguagem verbal propriamente dita e usada por um grupo de pessoas. Conforme Tuffano (1991, p. 12): “A língua tem caráter social, embora só se concretize em cada ato de fala produzido pelos falantes. Os signos lingüísticos, por sua vez, apresentam dois aspectos distintos: um material (significante) e um conceitual (significado) sendo convencional a relação existente entre eles”.

Muitos teóricos abordaram a questão da linguagem. Entre eles Wallon e Vygotsky. Na concepção walloriana (2002, p. 77) a linguagem é: “O instrumento é o suporte indispensável aos progressos do pensamento. Entre pensamento e linguagem existe uma relação de

reciprocidade: a linguagem exprime o pensamento, ao mesmo tempo, que age como estrutura dos mesmos”.

Nota-se que é grande o impacto e a importância que a linguagem possui sobre desenvolvimento do pensamento e da cognição do ser humano. Com relação à linguagem e a comunicação, Vygotsky (1989) nos fala que a linguagem possui um papel fundamental no desenvolvimento do pensamento. Ele constata que a necessidade de comunicação é vital para o ser humano. Onde ele analisa duas funções básicas: os instrumentos e os signos

2.2 Início e evolução da linguagem

Do período pré-histórico até os fins do século XX, os processos de leitura e escrita evoluíram bastante. É interessante ressaltar que a leitura e a escrita não são características genéticas da espécie humana. Para a aquisição desses dois processos é necessário que haja esforço e ambiente estimulante. A leitura e escrita não devem ser consideradas como processos isolados, ou seja, os primeiros gestos de sons como choros e balbucios que o bebê emite, são importantes, pois daí tem-se o início da preparação para a linguagem.

A respeito dos sons de gestos emitidos pela criança, Bee (2003, p. 261) diz que: “Ocorrendo por volta de 9 a 10 meses: o início dos gestos significativos, a ‘passagem’ do balbucio para os sons da linguagem da linguagem ouvida. Os jogos gestuais imitativos é o início do entendimento das palavras. É como se a criança agora compreendesse algo sobre o processo de comunicação e estivesse se comunicando com o adulto”.

A aquisição da fala na criança segue uma linha gradual de progressos e desenvolvimento. A fala se apresenta e fase bastante compreensível na idade de 3 a 4

anos. As crianças com dois anos já faz adaptação da linguagem com o ambiente vivenciado por ela. Já na faixa dos 12 anos a criança possui o domínio total e completo acerca da linguagem. Kolb e Whishaw (2002, p. 255) afirmam que: “Embora exista um paralelo geral entre o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento das capacidades motoras, o desenvolvimento da linguagem depende de outras coisas além da habilidade de fazer movimentos com a boca os lábios e a língua”.

O desenvolvimento da linguagem está estritamente ligado à questão do desenvolvimento do pensamento e da fala. Sobre isso Vygotsky apud Piaget (2003, p. 23) diz que: “Consideramos que o desenvolvimento total evolui da seguinte forma: a função primordial da fala, tanto nas crianças quanto nos adultos, é a comunicação, o contato social. A fala mais primitiva da criança é, portanto, essencialmente social”.

Notemos o quanto é importante à influência do ambiente para o desenvolvimento do pensamento e da linguagem e, conseqüentemente, da cognição.

2.3 Formas de representação da escrita (pré-silábica, silábica, silábico-alfabética, alfabética).

As educadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky analisaram a evolução da leitura e o processo de aquisição da língua escrita. O livro “Psicogênese da língua escrita” mostra como cada criança constrói suas hipóteses para o desenvolvimento do processo que envolve o processo da leitura e escrita.

As crianças necessitam passar por várias etapas ou evoluções na escrita. Esta evolução, necessariamente, é composta por quatro etapas distintas, e descritas por Emília Ferreiro. São elas:

- Pré-silábica – nessa fase a criança não utiliza sonoridade, ou seja, ainda não existe relação entre o fonema e a grafema. Ela utiliza muito o elemento lúdico e os desenhos. É um nível bastante elementar onde a criança pode descobrir que determinadas palavras apresentam o mesmo conjunto de sons. Ferreiro (1991, p. 198), ressalta que: “A escrita, é uma escrita de nomes, mas os portadores desses nomes têm, além disso, outras propriedades que a escrita poderia refletir, já que a escrita do nome não é, ainda, a escrita de uma determinada forma sonora”.

Nessa fase, a criança inicialmente concebe a escrita e o desenho como ações parecidas, pois, na sua visão, os objetos representados mentalmente têm profunda relação com as formas escritas, ou seja, desenhadas por elas. Ex.: ao escrever a palavra formiga, ela emite poucos signos e ao escrever a palavra vaca ela emite muitos signos. Em resumo, podemos dizer que a representação mental da criança tem relação com a representação escrita.

- Nível silábico – nessa fase o número de letras tem correspondência com o número de sílaba em cada palavra. É muito comum nesta fase, as crianças omitirem letras, seja ela vogal ou consoante. Ferreiro (1999, p. 202) diz que: “Este nível está caracterizado pela tentativa de dar um valor sonoro a cada uma das letras que compõem uma escrita. Nesta tentativa, a criança passa por um período da maior importância evolutiva: cada letra vale por uma sílaba. É o surgimento do que chamaremos a hipótese silábica. Com esta hipótese, a criança dá um salto qualitativo com respeito aos níveis precedentes”.

Esse nível precedente, citados por Ferreiro, significa os progressos que serão conquistados gradualmente pela criança. Esta fase indica que a criança está se tornando mais atenciosa e cuidadosa com as características sonoras das palavras. Apta a conquistar o nível seguinte.

- Nível silábico-alfabética – este nível é caracterizado por uma grande evolução, em que uma criança é capaz de perceber que existem formas de correspondência entre o som e a grafia.

A característica básica desse nível de transição entre silábica e alfabética, está focada no fato de a criança deixar de considerar a sílaba como um todo e compreender que a mesma pode ser analisada ou estruturada com elementos menores que chamamos de fonemas.

- Nível alfabético – este nível caracteriza-se por um crescimento evolutivo lingüístico de avanços durante o processo de construção da escrita. Podemos dizer, também, que, cuidar, a maior característica desse nível, é a correspondência precisa entre os sons e as letras. Ferreiro (1999, p. 219) informa que: “Neste nível, a criança já franqueou a ‘barreira do código’; compreendem que, cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever. Isto não quer dizer que todas as dificuldades tenham sido superadas: a partir desse momento, a criança se defrontará com as dificuldades próprias da ortografia, mas não terá problemas de escrita, no sentido estrito”.

Ao final desse nível, a criança pode ser considerada alfabetizada e o próximo seguimento será dar continuidade às seqüências de conhecimentos, desdobramentos e análises que compõem o sistema ortográfico.

CAPÍTULO III

MÉTODOS DE ENSINO DE LEITURA E ESCRITA E PROBLEMAS RELACIONADOS

Embora compartilhem dos mesmos sistemas lingüísticos, a leitura e a escrita apresentam diferenças com relação à forma como ambas são processadas na estrutura cerebral.

Sabemos que a base para a aquisição da leitura e escrita se inicia com o desenvolvimento da linguagem.

Podemos definir linguagem como a capacidade de comunicação. Nos seres humanos é importante que a linguagem possua som e significados. A esse respeito, Bee (2003, p. 258) cita que: “A linguagem não é apenas uma coleção de sons. Bebês muito jovens fazem vários sons diferentes, mas nós não achamos que eles estejam usando a linguagem, pois não parecem usar esses sons para se referir às coisas ou a acontecimentos (isto é, eles não usam os sons como símbolos) e não combinam sons individuais em ordens diferentes para criar significados variados”.

Várias teorias propuseram explicações acerca do desenvolvimento da linguagem. Entre elas: a ambientalista, a inatista e a construtivista.

Neste capítulo será abordada a teoria construtivista, criada por Piaget, que focaliza a criança na perspectiva de ela fazer, em conjunto com seu entendimento, uma linguagem construtivista e desenvolvimento cognitivo.

O construtivismo é uma maneira de conceber o conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento, que por sinal, é gerado através da interação do sujeito com o seu meio a partir de estruturas que existem internalizadas no sujeito. Assim sendo, a aquisição do conhecimento depende tanto de certas estruturas cognitivas próprias do sujeito como de sua relação com o objeto/meio.

Bee (2003, p. 280) informa que a linguagem vista sobre o enfoque construtivista obedece a certos aspectos, a seguir: “Certos aspectos do desenvolvimento da linguagem só surgem quando a criança desenvolve uma capacidade cognitiva mais geral para sustentá-los, como uma habilidade geral de ‘combinar’”.

Vemos que o desenvolvimento da linguagem segue caminhos paralelos à progressão cognitiva.

É importante frisar que a rapidez ou lentidão com que as crianças adquirem as habilidades relacionadas à linguagem é variável.

As diferenças e limites individuais de cada criança devem ser respeitados e todas passam pelas mesmas etapas de desenvolvimento da linguagem. Capovilla e Capovilla (2002, p. 67) dizem que: “As crianças devem passar por estágios sucessivos ao longo do seu desenvolvimento e que o ensino deve adequar-se ao nível dos alunos”.

Com relação à escrita, esta tem suporte nos conhecimentos que a leitura atribui, ainda que esta se apresente de forma incipiente ou em seu estágio inicial. A escrita envolve o domínio de certas habilidades (motoras, cognitivas etc.) e também o discernimento acerca do significado da palavra.

No que diz respeito à leitura, esta possui manifestação precípua na linguagem oral e em estágio de desenvolvimento. É importante ressaltar que a leitura poderá ser reforçada pela escrita.

Para a aquisição da leitura, o aluno necessita aprender a segmentar a cadeia da fala e fazer relação com as unidades que compõem as sílabas e os grafemas para, então, se chegar ao reconhecimento da palavra e a construção do sentido da palavra.

Um dos principais desafios que são impostos às escolas é a questão relacionada à aquisição da escrita e leitura.

Seria interessante que a escola possuísse em sua essência ambientes construtivistas, que são aqueles ambientes de aprendizados significativos onde o conhecimento não é simplesmente passado para a criança, mas onde está interagindo com o meio e este possa criar, ampliar ou desenvolver conceitos, habilidades e capacidades.

3.1 Problemas relacionados à escrita.

Geralmente os problemas que envolvem a escrita afetam a leitura e conseqüentemente a linguagem como um todo. Esses problemas são percebidos somente no período da alfabetização. Após a identificação do problema ou distúrbio apresentado, cabe aos pais ou responsáveis procurar ajuda ou orientação de profissionais habilitados para minimizar ou sanar o problema apresentado.

Os principais problemas são: dislexia, disgrafia e disortografia.

- Dislexia: a definição do que é dislexia faz com que se tenha criado um mundo diversificado de informações que muitas vezes causam confusão e desinformação. A esse respeito Zorzi (1995, p. 46) diz o seguinte: “O uso do termo dislexia tem gerado, ao longo do tempo, muita confusão e controvérsia (...) a noção de dislexia sofreu uma super generalização, aplicando-se, muitas vezes, a toda e qualquer alteração observada nas crianças quaisquer que fossem as causas ou características de tais alterações”.

A dislexia pode ter causa orgânica, psicológica, pedagógica ou sócio-cultural.

Em termos gerais, a dislexia pode ser definida como dificuldades situadas nos processos básicos que envolvem leitura e escrita. É uma das mais comuns deficiências de aprendizado.

Em termos específicos, Zorzi (1995, p. 46) define a dislexia da seguinte maneira: “Embora, inicialmente, tenha sido empregada para dar conta dos problemas de leitura, tal noção acabou englobando, também, os problemas relativos à escrita. Dislexia refere-se, portanto, à inabilidade ou dificuldades para o aprendizado da leitura/escrita em razão de alguma causa desconhecida ou indeterminada”.

Como um alto número de criança sofre de dislexia, é importante que os pais e os educadores estejam cientes desse problema.

A dislexia não é sinônima de má alfabetização, falta de atenção, desmotivação ou baixo nível de inteligência. Ela é uma condição hereditária causada por alterações genéticas podendo apresentar ou não alterações no padrão neurológico.

- Disgrafia: pode ser definida como uma inabilidade ou atraso no desenvolvimento da língua escrita.

Em uma abordagem funcional, a disgrafia trata-se de perturbações da escrita e que não correspondem a lesões cerebrais ou problemas sensoriais.

Na escrita manuscrita, as letras, muitas vezes, apresentam-se mal grafadas, borradas ou incompletas. Frequentemente ocorrem erros ortográficos, inversões de letras e sílabas, troca ou ausência de letras ou números e traços poucos precisos.

- **Disortografia:** a disortografia pode ser definida como o conjunto de erros da escrita que afetam a palavra, mas que, felizmente, não afeta o traçado ou a grafia.

Geralmente, na disortografia, encontram-se apenas erros na escrita sem que estes se repitam na leitura.

Ela consiste numa escrita não obrigatoriamente disgráfica, mas que possui erros em grande número que se manifesta tão logo se tenha adquirido os mecanismos relacionados à leitura e escrita.

CAPÍTULO IV

TRANSTORNOS DE APRENDIZAGEM DA LEITURA E INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

O processo que envolve a aprendizagem não é uma causa nem um evento. É um sistema integrado que conduz a processos contínuos de desenvolvimento.

Em resumo, é uma atividade individual que se desenvolve dentro de um processo interligado que, operando sobre dados e informações processadas no cérebro, torna-os revestidos de significado.

Sendo a aprendizagem um processo que se encontra constantemente em fase de construção e que depende de diversos fatores, é importante frisar que, além dos aspectos fisiológicos relacionados ao aprender, os processos neurais, bem como as funções psicodinâmicas do sujeito, precisam apresentar certo grau de equilíbrio.

Este equilíbrio, sob as bases do controle e da integridade emocional, fornece um terreno propício à aprendizagem.

Vale ressaltar que o desenvolvimento do cérebro é um fator de suma importância que contribui para o processo de aprendizagem.

A respeito da atuação do cérebro no processo de aprendizagem, Ciasca (2004, p. 20) cita que: “O cérebro humano é sistema complexo que estabelece relações com o mundo que rodeia por meio de fatores significativos como: a especificidade dos neuronais, que da periferia levam

ao córtex informações provenientes do mundo exterior; e, a especificidade dos neurônios que permitem determinar áreas motoras, sensoriais, auditivas, ópticas, olfativas estabelecendo inter-relações funcionais exatas e ricas que são de extrema importância para o aprendizado”.

Sendo assim, qualquer fator que altere o desenvolvimento cerebral pode causar transtornos de aprendizagem que, normalmente, só é detectado quando a criança encontra-se na fase escolar.

Muitos são os termos utilizados na tentativa de esclarecer ou definir essa falha que ocorre na aprendizagem, onde algumas definem como transtorno outros como distúrbios, disfunções etc. .

Pode-se dizer que os transtornos compreendem uma inabilidade específica seja ela no nível da escrita, da leitura ou do cálculo onde são apresentados resultados abaixo esperado de acordo com o nível de desenvolvimento.

Ciasca (2004, p. 27) define o TA (transtorno de aprendizagem) como sendo: “uma disfunção do SNC (Sistema Nervoso Central), relacionada a uma ‘falha’ no processo de aquisição ou do desenvolvimento, tendo, portanto, caráter funcional; diferentemente de Dificuldade Escolar (DE), que está relacionado especificamente a um problema de ordem e origem pedagógico”.

Vemos assim, que existe uma grande diferença entre o DA e o DE, porém não é tarefa fácil elaborar o perfil ou diagnosticar uma pessoa como sendo portadora de DA ou DE.

Pode-se dizer que os transtornos de aprendizagem não são conseqüências da ausência de oportunidade de aprender ou da descontinuidade educacional causada por mudança de escola.

A respeito das dificuldades que ocorrem no âmbito da aprendizagem, Garcia (1998, p. 31) apresentam uma definição clara e consensual sobre as dificuldades de aprendizagem: “Dificuldade de Aprendizagem (DA) é um termo geral que se refere a um grupo heterogêneo de transtornos que manifestam por dificuldades significativas na aquisição e uso da escrita, fala, leitura, escrita, raciocínio ou habilidades matemáticas. “Esses transtornos são intrínsecos ao indivíduo, supondo-se devido a disfunção do Sistema Nervoso Central, e podem ocorrer ao longo do ciclo vital”.

Os transtornos mais frequentes relacionados à aprendizagem são:

- Transtornos da leitura ou dislexia, que é caracterizado por uma dificuldade específica que afeta a compreensão das palavras escritas. Em resumo, podemos dizer que é um transtorno específico da habilidade de leitura.

A manifestação desse distúrbio, segundo Garcia (1998, p. 173), se apresenta sob os seguintes aspectos: “Manifesta-se uma leitura oral lenta, com omissões, distorções e substituições das palavras, interrupções, correções e bloqueios. Produz-se uma afetação, também, da compreensão leitora”.

- Transtornos da expressão da escrita que pode ser descrita como um conjunto de dificuldades na capacidade de elaboração de textos escritos apresentados por erros gramaticais e ortográficos.

Segundo Garcia (1998, p. 192), esse transtorno apresenta diversas áreas alteradas, tais como: “Soletrar, a sintaxe da escrita em contraste com os resultados da sintaxe oral, a organização do texto, a coesão - conexões gramaticais, transacionais e lexicais – coerência, sentido da audiência, habilidades cognitivo – sociais idealizações/abstração etc.”.

4.1 Intervenção psicopedagógica.

A psicopedagogia possui um amplo campo de conhecimentos que se destina a interligar de modo coerente, os conhecimentos e princípios norteadores de diferentes áreas humanas.

Ela atua com caráter interdisciplinar, ou seja, trabalha em conjunto com áreas afins cujos profissionais são psicólogos, fonoaudiólogos, neurologistas, terapeutas ocupacionais, pedagogos e psicopedagogos.

O psicopedagogo é aquele profissional qualificado que atua de forma terapêutica e preventiva com o objetivo de compreender os processos do desenvolvimento humano e principalmente a forma como se dá as suas aprendizagens.

Na maioria das vezes esse profissional recorre a várias estratégias pedagógicas com o objetivo de superar os problemas que surgem e prejudicam o processo de construção de conhecimento e aprendizagem diversa.

Os problemas mais frequentes que ocorrem nas escolas estão relacionadas às dificuldades de aprendizagem, principalmente aquelas que envolvem a construção da escrita e o desenvolvimento da leitura.

Vemos dessa forma que a psicopedagogia surgiu de uma demanda específica da sociedade: o fracasso escolar, a falha na aprendizagem e o insucesso do ensino.

Podemos dizer também que a psicopedagogia é um espaço transdisciplinar constituído a partir de uma nova compreensão sobre a complexidade que envolve os processos de aprendizagens e suas deficiências.

4.1.1 Intervenção nas dificuldades de aprendizagem da leitura.

Entendemos como problema de aprendizagem, o desequilíbrio resultante de fatores internos (organismo e corpo) e externos (ambiente).

O psicopedagogo é o profissional habilitado em prevenir ou solucionar os problemas relacionados à aprendizagem e compreender como esta se processa no indivíduo.

O trabalho do psicopedagogo envolve várias etapas. Entre elas:

- Elaboração da anamnese
- Elaboração do diagnóstico
- Prevenir ou solucionar as dificuldades apresentada da prevenção ou da intervenção.

Podemos dizer que a forma básica da atuação do psicopedagogo é a prática voltada para a intervenção ou a terapia.

Em resumo, tanto a ação preventiva quanto a interventiva é essencial para o sucesso do trabalho do psicopedagogo que tem como objetivo minimizar ou superar as dificuldades de aprendizagem apresentadas.

Para que a ação interventiva seja eficaz, ela necessita buscar compreender a causa do sintoma e quais condições favorecem para o surgimento do sintoma, onde esse geralmente está relacionado à queixa da não – aprendizagem.

Com relação ao diagnóstico, este como função primordial a identificação dos desvios ou obstáculos que causam impacto negativo na aprendizagem do sujeito.

As tarefas usadas no processo do diagnóstico podem sugerir possíveis caminhos de intervenção.

A esse respeito Garcia (1998, p. 205) diz que: “diferentes tarefas utilizadas na avaliação podem ser empregadas de forma gradual, com muitas ajudas específicas com reforço de cada passo na intervenção”.

Com relação à escrita, podemos dizer que esta não se realiza somente através do domínio do código alfabético, mas, também, pela compreensão e uso funcional da língua.

Algumas formas de intervenção relacionadas à escrita e leitura são:

- Utilização de colagem e recortes para o desenvolvimento da coordenação motora e construção de palavras ou frases.
- Incentivo à prática do desenho.
- Utilização do recurso lúdico, pois este tipo de recurso desperta o interesse de atenção além de promover e ativar recursos cognitivos.
- Utilização de fichas escritas que podem ser usadas de várias maneiras.

- Incentivo à prática do ditado juntamente como desenho correspondente a palavra.

Sobre uma das formas utilizadas das fichas escritas, Garcia (1998, p. 206) faz breve explanação: “Embaralham-se fichas que contém regras diversas, todas devendo ser organizadas imediatamente, e, sempre em seguida, devendo ser comprovada sua correção para que se automatize a correção e não o erro, o que ocorreria no caso dos ditados em que o feedback é demorado em excesso, convertendo-se em ineficaz. Depois se pode passar a construir frases escritas com as fichas ou, inclusive, utilizar desenho das palavras escritas nas fichas”.

Geralmente as dificuldades de aprendizagem de leitura são de natureza lingüística. Nesses casos pode-se fazer a intervenção com auxílio de exercícios que promovem o desenvolvimento de vários processos tais como: discriminação de letras e desenhos e até mesmo de materiais verbais e não – verbais.

Garcia (1998, p. 187) apresenta um modelo bastante interessante focado no trabalho que envolve a leitura: “apresentam-se muitas vezes as palavras escritas, que são lidas (pronúncia) e associadas ao significado. Para isso pode ser utilizadas diversas chaves, como o desenho ou contexto, ou a mímica da palavra. Também é útil o uso dos mecanismos de transformação de grafema a fonema sobretudo nas palavras regulares ou transparentes, pois partindo-se da rota indireta ou fonológica, iria sendo adquirida a representação estável da palavra em nível visual e ortográfico”.

Conforme vimos, existem várias formas de intervenção que podem ser utilizadas para a escrita ou leitura. Porém é importante lembrar que é necessário verificar o contexto em que a criança está inserida e qual tipo de intervenção mais adequada à dificuldade de aprendizagem que é apresentada.

CONCLUSÃO

Buscou-se através desse trabalho, destacar a importância dos processos que envolvem o desenvolvimento de aquisição da escrita e da leitura.

Enfatizou-se a atuação do cérebro, célula precípua e fundamental para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo.

A partir do desenvolvimento cerebral é possível expandir as estruturas neurais para o domínio das habilidades, capacidades e potencialidade, principalmente aqueles que estão relacionadas à linguagem e aos processos de aprendizagem como um todo.

É possível concluir que o desenvolvimento da linguagem está intrinsecamente ligado às estruturas neurais e, a partir do desenvolvimento destas estruturas, é possível evoluir de forma a alcançar o nível correspondente à aquisição da escrita e da leitura.

Ressalta-se também como conclusão que qualquer fator que cause alteração ou impacto no desenvolvimento cerebral pode acarretar sérias complicações, entre elas: transtornos de aprendizagem que geralmente só são passíveis de identificação quando a criança se encontra em fase escolar. Constata-se que com a ajuda do psicopedagogo é possível minimizar ou sanar algumas dificuldades apresentadas pela criança.

Para que a criança se considere alfabetizada, ela necessita desenvolver as etapas relacionadas à escrita e a leitura que possuem níveis graduais de evolução. São eles: pré-silábica, silábica, silábico-alfabética e alfabético.

Chegou-se a conclusão que para o pleno desenvolvimento de aquisição da leitura e da escrita é necessário que haja equilíbrio entre fatores internos (corpo e organismo) e externos (ambiente).

Finalmente conclui-se que cabe à escola a tarefa de trabalhar de maneira significativa as etapas de desenvolvimento relacionadas às aprendizagens globais além de trabalhar a criança para que esta consiga desenvolver todas as suas capacidades, habilidades e potencialidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEE, H. L.** A criança em desenvolvimento. **Porto Alegre: Artmed, 2003.**
- CAPOVILLA, F. C. e CAPOVILLA, A. G. S.** Alfabetização: método fônico. **São Paulo: Memnon Edições Científicas, 2002.**
- CIASCA, S. M.** Distúrbios de Aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar. **São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.**
- FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A.** Psicogênese da língua escrita. **Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.**
- FERREIRO, E.** Psicogênese da língua escrita. **Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.**
- GALVÃO, I.** Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. **Rio de Janeiro: Vozes, 2002.**
- GARCIA, J. N.** Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática. **Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.**
- GROSSO, L. e BELLOTTI, T.** Como preparar a criança para ler e escrever. **Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.**
- KOLB, B. e WHISHAW, I. Q.** Neurociência do comportamento. **São Paulo: Manole, 2002.**
- TUFANO, D.** Estudos de Língua e Literatura. **São Paulo: Editora Moderna, 1991.**
- VIGOTSKY, L. S.** Pensamento e linguagem. **São Paulo: Martins Fontes, 2003.**